Cognitus
Interdisciplinary Journal

ISSN: 3085-6124
v. 3 n. 2 (2026)

SAÚDE MENTAL DURANTE O ENVELHECIMENTO: IMPACTOS BIOPSICOSSOCIAIS E SOFRIMENTO PSÍQUICO ENTRE OS GÊNEROS

MENTAL HEALTH DURING AGING: BIOPSYCHOSOCIAL IMPACTS AND PSYCHOLOGICAL DISTRESS ACROSS GENDERS

Karen Ludimila Freitas Silva[1]; Yasmin Emille Meireles Lopes Cardoso[2]; Diego Sampaio Amariz[3]

[1] Graduanda em Enfermagem, Faculdade de Tecnologia Alto Médio São Francisco (FACFUNAM)
[2] Graduanda Enfermagem, Faculdade de Tecnologia Alto Médio São Francisco (FACFUNAM)
[3] Mestre em Educação, Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM); docente da Faculdade de Tecnologia Alto Médio São Francisco (FACFUNAM) | diegoamariz15@gmail.com

Resumo

O envelhecimento é um processo gradual que provoca mudanças corporais e biopsicossociais capazes de afetar a saúde mental e a qualidade de vida de homens e mulheres já na meia-idade. Este estudo teve como objetivo analisar as internações hospitalares por transtornos mentais e comportamentais de homens e mulheres de 40 a 59 anos em Minas Gerais, entre 2020 e 2025. Trata-se de estudo quantitativo, descritivo e retrospectivo, com dados secundários do Sistema de Informações Hospitalares do Sistema Único de Saúde (SIH/SUS) referentes ao capítulo V da CID-10, analisados por frequências absolutas e relativas segundo sexo, ano e mês. Foram registradas 45.728 internações, das quais 58,6% de homens. O número anual passou de 5.878, em 2020, para 9.607, em 2025, um aumento de 63,4%. O crescimento foi maior entre as mulheres (102,9%) do que entre os homens (41,1%), e a razão entre internações masculinas e femininas caiu de 1,77 para 1,23. Em 2020, houve redução das internações a partir de março, coincidente com o início da pandemia de covid-19. Conclui-se que as internações por transtornos mentais na meia-idade aumentaram de forma expressiva, sobretudo entre as mulheres, o que reforça a necessidade de um cuidado em saúde mental sensível às questões de gênero e de profissionais capacitados para uma abordagem integral.

Palavras-chave: Envelhecimento; Saúde Mental; Hospitalização; Pessoa de Meia-Idade; Fatores Sexuais.

Abstract

Aging is a gradual process that causes bodily and biopsychosocial changes capable of affecting the mental health and quality of life of men and women as early as middle age. This study aimed to analyze hospitalizations for mental and behavioral disorders among men and women aged 40 to 59 years in Minas Gerais, Brazil, from 2020 to 2025. This is a quantitative, descriptive and retrospective study using secondary data from the Hospital Information System of the Brazilian Unified Health System (SIH/SUS) for chapter V of the ICD-10, analyzed through absolute and relative frequencies by sex, year and month. A total of 45,728 hospitalizations were recorded, 58.6% of them among men. The annual number rose from 5,878 in 2020 to 9,607 in 2025, an increase of 63.4%. Growth was greater among women (102.9%) than among men (41.1%), and the male-to-female ratio of hospitalizations fell from 1.77 to 1.23. In 2020, hospitalizations decreased from March onwards, coinciding with the onset of the COVID-19 pandemic. Hospitalizations for mental disorders in middle age increased markedly, especially among women, which reinforces the need for gender-sensitive mental health care and for professionals trained to provide comprehensive care.

Keywords: Aging; Mental Health; Hospitalization; Middle Aged; Sex Factors.

INTRODUÇÃO

O envelhecimento humano começa no nascimento e se estende por toda a vida. Trata-se de um processo marcado por transformações graduais, que repercutem nas dimensões biológica, psicológica e social das pessoas (Barreira; Nakamura Filho; Silva Júnior, 2022).

O crescimento da população idosa tem ocorrido em diversos países, incluindo o Brasil, e está diretamente relacionado ao aumento da expectativa de vida e à redução das taxas de natalidade. Essa transição demográfica modifica consideravelmente o perfil das demandas em saúde e exige a reestruturação dos serviços e das políticas públicas. Embora represente um importante avanço histórico e social, o envelhecimento impõe desafios aos serviços de saúde, principalmente no que se refere à prevenção de agravos, à promoção da autonomia e ao manejo de doenças crônicas (Barbosa et al., 2025).

Segundo pesquisa do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) publicada em 2021, a transição da pirâmide etária brasileira é irreversível: estima-se que os idosos representarão 40,3% da população em 2100, enquanto a parcela de pessoas com 15 anos ou menos diminuirá de 24,7%, em 2010, para 9% (Corrêa, 2023).

Embora seja comum associar as mudanças cognitivas, físicas e psicossociais do envelhecimento às pessoas com 60 anos ou mais, a população de meia-idade, entre 40 e 60 anos, também começa a vivenciar os primeiros sinais desse processo. Nessa fase, os indivíduos passam por transformações psicossociais que envolvem reflexões sobre as conquistas anteriores, a reformulação de metas pessoais e profissionais e a organização da aposentadoria (Silva; Souza; Carvalho, 2024).

Ainda que faça parte do ciclo de desenvolvimento, a meia-idade representa mais do que um período de transição. Acompanhada de mudanças físicas e emocionais, essa etapa pode trazer estresse, sensação de estagnação, diminuição da energia e redefinição de planos pessoais e profissionais, fatores que podem favorecer a manifestação de uma crise (Ribas, 2024).

A saúde mental é determinada por múltiplos fatores e não se limita às experiências individuais. Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), referida pelo Ministério da Saúde, a saúde mental corresponde a um estado de bem-estar que permite à pessoa desenvolver suas capacidades, enfrentar os obstáculos da vida e participar da sociedade (Brasil, [20--]).

Conforme Walger, Santos e Gulin (2023), os transtornos mentais estão entre os problemas mais presentes nos atendimentos de saúde e representam um sério desafio para o sistema público. No Brasil, a depressão é o transtorno mental predominante: estima-se que 20% das pessoas terão depressão ao longo da vida, e 5,8% dos brasileiros apresentam a doença, o maior índice da América Latina. O país ocupa ainda a primeira posição mundial em transtornos de ansiedade, que acometem 9,3% da população.

As desigualdades de gênero também atravessam as trajetórias de vida e precisam ser consideradas na análise do envelhecimento, já que homens e mulheres vivenciam esse processo de maneiras distintas (Antunes et al., 2025). Em relação à longevidade, as mulheres vivem, em média, cerca de sete anos a mais que os homens, e essa vantagem se mantém em torno de quatro anos quando ambos chegam à idade madura (Gerolamo; Correa, [20--], p. 137).

De acordo com Piazzetta e Silva (2024), a saúde do homem ainda é cercada de estereótipos e preconceitos. Os homens estão entre os que menos buscam atendimento, pois tendem a não priorizar a própria saúde: pesquisa do Centro de Referência em Saúde do Homem de São Paulo evidenciou que 70% dos homens que procuraram um serviço médico foram influenciados pela esposa ou pelos filhos. Assim, ao perceber a passagem do tempo, o homem costuma resistir às próprias limitações e se comportar de acordo com padrões tradicionais de masculinidade.

Para Walger, Santos e Gulin (2023), o adoecimento mental masculino ainda tem baixa aceitação social e é vivido como uma forma de exclusão, o que reforça o preconceito do próprio homem em relação aos transtornos mentais e a percepção de incapacidade para desempenhar o papel de provedor e líder da família.

As manifestações da andropausa não se restringem ao corpo e repercutem também nos âmbitos social e psicológico. O homem que vivencia a andropausa, antes reconhecido por sua vitalidade, capacidade física e desejo sexual, atributos valorizados socialmente e ensinados a ele ao longo da vida, pode passar a se perceber fragilizado e incapaz (Piazzetta; Silva, 2024). O termo andropausa designa o declínio dos níveis de testosterona que ocorre a partir dos 40 anos, hormônio determinante para a qualidade de vida e o estado de saúde do homem durante o envelhecimento (Pereira et al., 2023). Diante disso, o homem pode ter dificuldade para

manter a própria identidade e mostrar-se emocionalmente abalado com a possibilidade de ter o desempenho sexual afetado, o que pode culminar em uma sensação de morte (Piazzetta; Silva, 2024).

Quanto ao envelhecimento feminino, é indispensável analisar a maneira como as mulheres vivem esse processo e suas particularidades, como as alterações físicas, entre elas o embranquecimento dos cabelos e as mudanças na pele, como rugas e afinamento. Embora sejam alterações esperadas, elas podem influenciar o estilo de vida e o bem-estar mental da mulher (Antunes et al., 2025).

A feminização da velhice descreve o fato de que, cada vez mais, as mulheres idosas chefiam suas famílias e se tornam responsáveis pelo seu sustento. Embora esses dados pareçam favoráveis ao envelhecimento feminino, eles ocultam a dimensão misógina e etarista desse processo (Gerolamo; Correa, [20--], p. 137). Diante disso, muitas mulheres manifestam apreensão e se empenham em lutar contra o envelhecimento, um processo inevitável (Cunha; Veras; Amorim, 2025).

Ao longo da vida, as mulheres são expostas a riscos particulares, como os efeitos da dupla jornada de trabalho, as exigências da maternidade e as alterações endócrinas relacionadas ao ciclo menstrual e à menopausa. Esses determinantes aumentam a probabilidade de transtornos mentais como ansiedade, estresse pós-traumático e depressão (Mindelo et al., 2025).

Depois de transições como a menarca, a gestação e o início da vida sexual, a menopausa marca o fim do período reprodutivo e envolve mudanças hormonais que exigem adaptações físicas, psíquicas e emocionais. A redução da produção de estrogênio durante o climatério, que pode começar a partir dos 40 anos e, em casos menos frequentes, estender-se até os 70 anos, provoca modificações no organismo que alcançam o período pós-menopausa e interferem no bem-estar, com sintomas físicos e psicológicos como sentimento de fracasso, alterações de humor e da autoestima (Andrade et al., 2024).

Segundo Borges et al. (2025), após a menopausa, as alterações hormonais podem ocasionar oscilações de humor, dificuldade para dormir e maior risco de osteoporose, que, somados à solidão e ao afastamento social, afetam diretamente o bem-estar físico e mental.

Além disso, a pressão social contribui para o sofrimento psicológico das mulheres ao impor padrões de beleza e de valorização feminina que se tornam mais severos com o avanço da idade, exigindo que a mulher se mantenha jovem e atraente. As mídias sociais e a publicidade difundem um padrão de beleza jovem e irrealista, capaz de gerar uma relação obsessiva com a imagem corporal. A insatisfação com o corpo é mais frequente entre as mulheres mais velhas e está associada a transtornos alimentares, ansiedade e depressão (Cunha; Veras; Amorim, 2025).

Para Maurício (2023), o envelhecimento é uma passagem natural que traz modificações mentais, físicas e sociais e exige cuidado diferenciado. Para algumas pessoas, porém, é vivido como um desafio árduo e sofrido, marcado pela perda da aparência jovem e da condição produtiva. Muitas negam a idade e procuram formas de adiar esse processo, e a pressão social tem contribuído para o adoecimento psíquico na velhice.

Diante desse contexto, este estudo tem como objetivo analisar as internações hospitalares por transtornos mentais e comportamentais de homens e mulheres de 40 a 59 anos em Minas Gerais, entre 2020 e 2025, e discutir os fatores biopsicossociais do envelhecimento associados ao sofrimento psíquico em cada sexo, de modo a ampliar o debate sobre o tema e subsidiar ações de saúde pública.

METODOLOGIA

Trata-se de estudo quantitativo, descritivo e retrospectivo, com dados secundários de internações hospitalares registradas no Sistema de Informações Hospitalares do Sistema Único de Saúde (SIH/SUS), disponibilizados pelo Departamento de Informação e Informática do SUS (DATASUS) por meio da ferramenta TABNET (Brasil, 2026).

Foram incluídas as internações de homens e mulheres de 40 a 59 anos ocorridas no estado de Minas Gerais entre janeiro de 2020 e dezembro de 2025, com diagnóstico principal pertencente ao capítulo V da Classificação Internacional de Doenças, 10ª revisão (CID-10), que reúne os transtornos mentais e comportamentais (códigos F00 a F99).

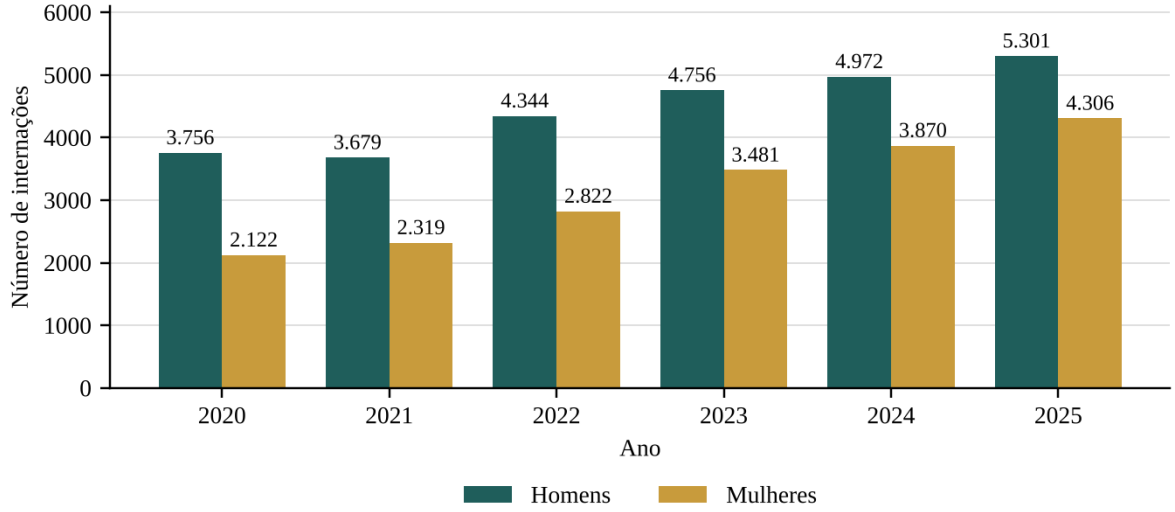
Os dados foram tabulados segundo sexo, ano e mês e analisados por estatística descritiva, com frequências absolutas e relativas, variação percentual entre 2020 e 2025 e razão entre as internações masculinas e femininas. Os resultados foram apresentados em gráficos elaborados pelos autores.

Por utilizar exclusivamente dados públicos e agregados, sem identificação dos indivíduos, o estudo dispensa apreciação pelo sistema CEP/Conep, nos termos do parágrafo único do art. 1º da Resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde (Brasil, 2016).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram registradas no SIH/SUS 45.728 internações por transtornos mentais e comportamentais de pessoas de 40 a 59 anos em Minas Gerais entre 2020 e 2025, das quais 26.808 (58,6%) de homens e 18.920 (41,4%) de mulheres. O número anual de internações passou de 5.878, em 2020, para 9.607, em 2025, um aumento de 63,4%. O ano de 2025 concentrou o maior número de registros em ambos os sexos (5.301 internações masculinas e 4.306 femininas), seguido de 2024 (4.972 e 3.870, respectivamente) (Figura 1).

Figura 1 – Internações por transtornos mentais e comportamentais de pessoas de 40 a 59 anos, segundo sexo e ano, Minas Gerais, 2020–2025



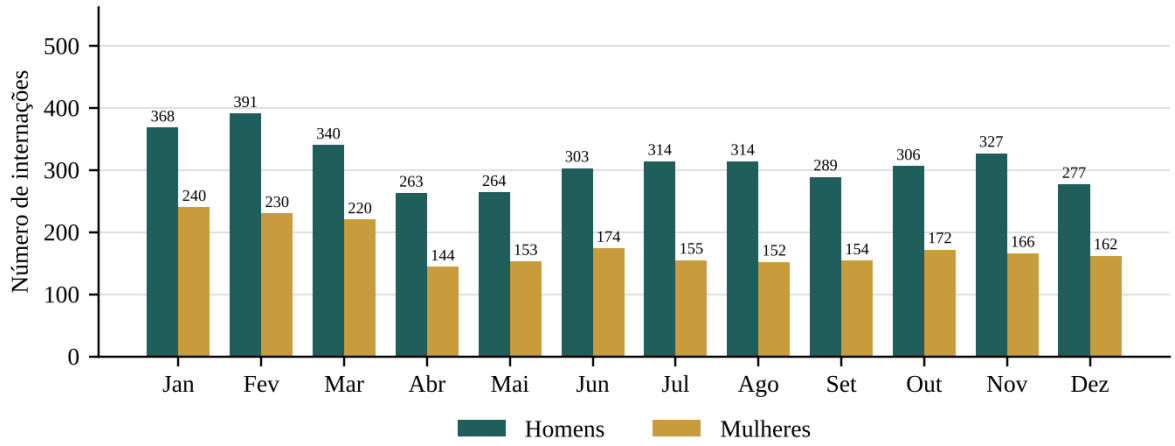
Fonte: elaborada pelos autores com dados do SIH/SUS (Brasil, 2026).

Os homens concentraram o maior número de internações em todos os anos analisados. Entretanto, o crescimento no período foi proporcionalmente maior entre as mulheres (102,9%) do que entre os homens (41,1%), de modo que a razão entre internações masculinas e femininas caiu de 1,77, em 2020, para 1,23, em 2025. Esse achado indica que a diferença entre os sexos vem diminuindo e que as mulheres de meia-idade representam uma parcela crescente das internações por transtornos mentais no estado.

De acordo com Ramalho et al. (2025), uma explicação provável para o predomínio masculino é que as mulheres tendem a cuidar mais da própria saúde e a tratar o sofrimento mental com maior comprometimento, o que reduz o risco de agravamento e, consequentemente, de hospitalização. Homens e mulheres cuidam da saúde de maneiras diferentes, em razão das representações de gênero e dos padrões de masculinidade que modelam os papéis sociais. Os homens continuam sendo vistos, de forma arcaica, como provedores da família, e o cuidado com a saúde é frequentemente atribuído às mulheres, o que leva muitos homens a negligenciar a própria saúde.

Os transtornos mentais também se distribuem de forma diferente entre os sexos: os homens são mais afetados por transtornos relacionados ao uso de substâncias e pelo transtorno de personalidade antissocial, enquanto as mulheres apresentam maior predominância de transtornos de ansiedade e do humor, o que pode contribuir para explicar o maior número de internações masculinas (Santos; Breda, 2023).

Figura 2 – Internações por transtornos mentais e comportamentais de pessoas de 40 a 59 anos, segundo sexo e mês, Minas Gerais, 2020



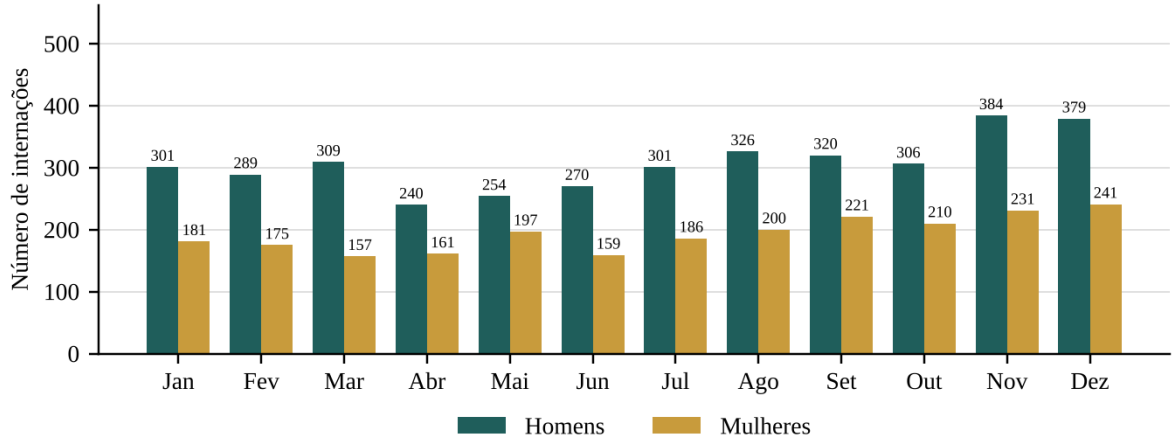
Fonte: elaborada pelos autores com dados do SIH/SUS (Brasil, 2026).

Em 2020, foi declarada a pandemia de covid-19, que provocou mudanças profundas no estilo de vida da população mundial, entre elas o isolamento social, adotado como estratégia para conter a transmissão do vírus. Nesse ano, janeiro e fevereiro concentraram o maior número de internações (608 e 621, respectivamente), e, a partir de março, observou-se redução, chegando a 407 internações em abril (Figura 2).

Segundo Silva et al. (2024), o medo e a incerteza decorrentes da pandemia reduziram a procura por atendimento. Além da dificuldade de acesso a serviços de qualidade, a distribuição desigual de materiais e insumos hospitalares e a priorização dos atendimentos relacionados a sinais e sintomas respiratórios influenciaram a busca por assistência.

Embora benéfico para o controle da transmissão, o distanciamento social também gerou cenários desfavoráveis: estudos evidenciaram que essa medida acentuou sentimentos de ansiedade, depressão, solidão e tristeza, aos quais se somaram hábitos prejudiciais, como alimentação inadequada e inatividade física (Monte et al., 2023).

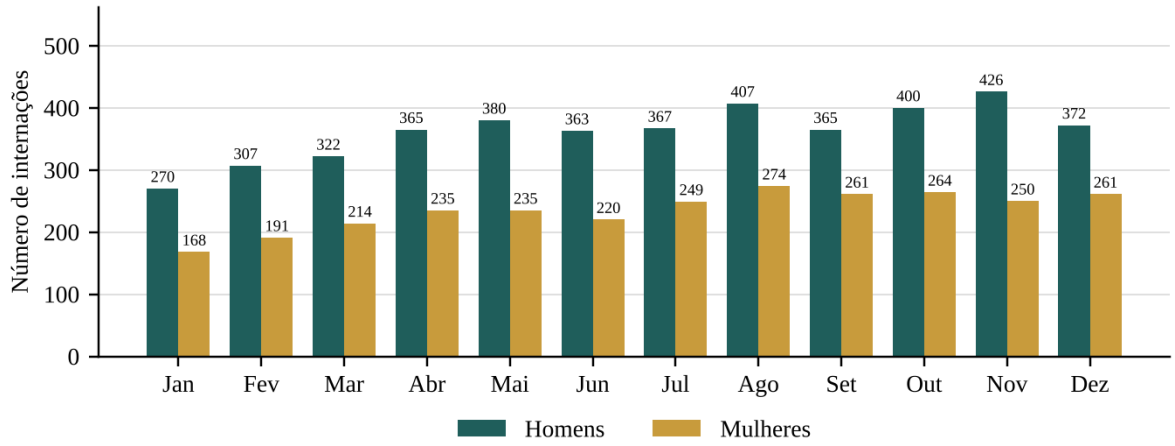
Figura 3 – Internações por transtornos mentais e comportamentais de pessoas de 40 a 59 anos, segundo sexo e mês, Minas Gerais, 2021



Fonte: elaborada pelos autores com dados do SIH/SUS (Brasil, 2026).

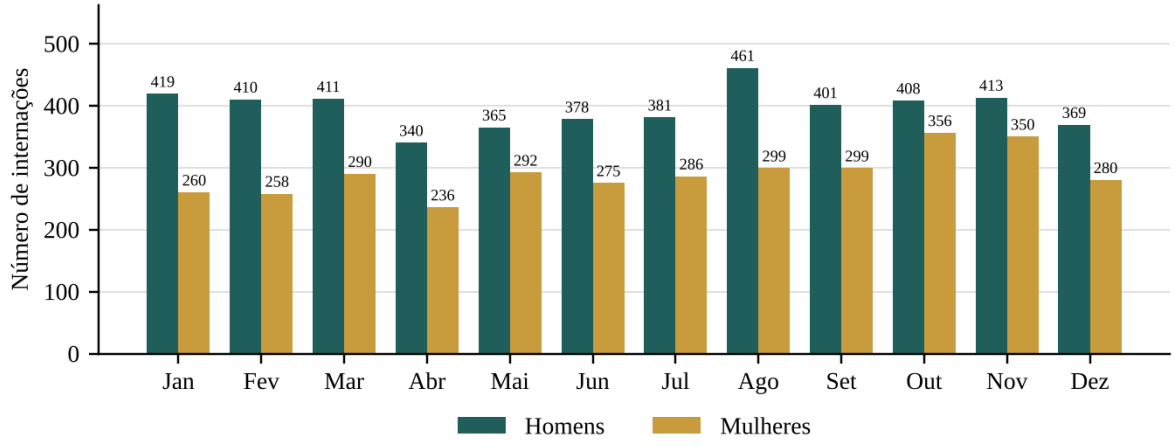
Em 2021, o total de internações manteve-se próximo ao do ano anterior (5.998), com discreta redução entre os homens (de 3.756 para 3.679) e aumento entre as mulheres (de 2.122 para 2.319). O número mensal de internações femininas superou o de 2020 de forma consistente a partir de julho (Figura 3). Embora, no Brasil, as internações por transtornos mentais sejam mais frequentes entre os homens, registros internacionais apontam maior prevalência de transtornos mentais comuns entre as mulheres, principalmente depressão e ansiedade. Essa diferença pode estar relacionada à maior exposição feminina a fatores sistêmicos e sociais, como a desigualdade de gênero, a violência e a sobrecarga de trabalho (Macedo et al., 2026).

Figura 4 – Internações por transtornos mentais e comportamentais de pessoas de 40 a 59 anos, segundo sexo e mês, Minas Gerais, 2022



Fonte: elaborada pelos autores com dados do SIH/SUS (Brasil, 2026).

Figura 5 – Internações por transtornos mentais e comportamentais de pessoas de 40 a 59 anos, segundo sexo e mês, Minas Gerais, 2023

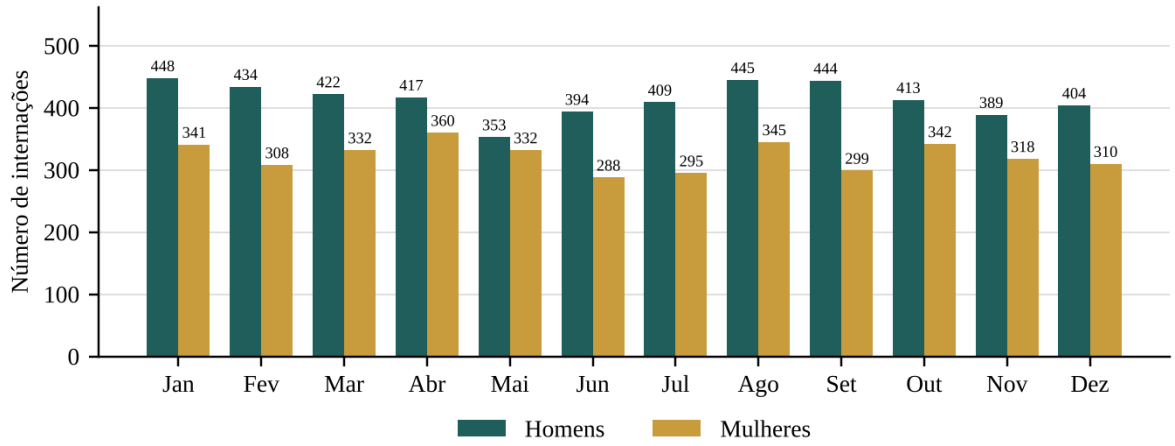


Fonte: elaborada pelos autores com dados do SIH/SUS (Brasil, 2026).

Em 2022 e 2023, houve aumento expressivo em relação aos anos anteriores, com 7.166 e 8.237 internações, respectivamente (Figuras 4 e 5). Em 2023, o número mensal de internações superou o de 2022 em 11 dos 12 meses, com exceção de abril (576 contra 600).

Uma das razões que podem explicar esse crescimento é a maior procura por serviços de saúde mental, decorrente da maior prevalência de transtornos como ansiedade e depressão. Somam-se a isso a falta de tratamentos eficazes e de serviços e profissionais qualificados, o que contribui para que a internação se torne a principal alternativa de cuidado (Papini et al., 2025). Segundo os mesmos autores, o aumento em 2022 e 2023 pode refletir uma demanda reprimida durante a pandemia, associada à piora dos transtornos mentais e comportamentais em decorrência do isolamento social, da morte de familiares, da instabilidade econômica e do agravamento do estresse psicossocial.

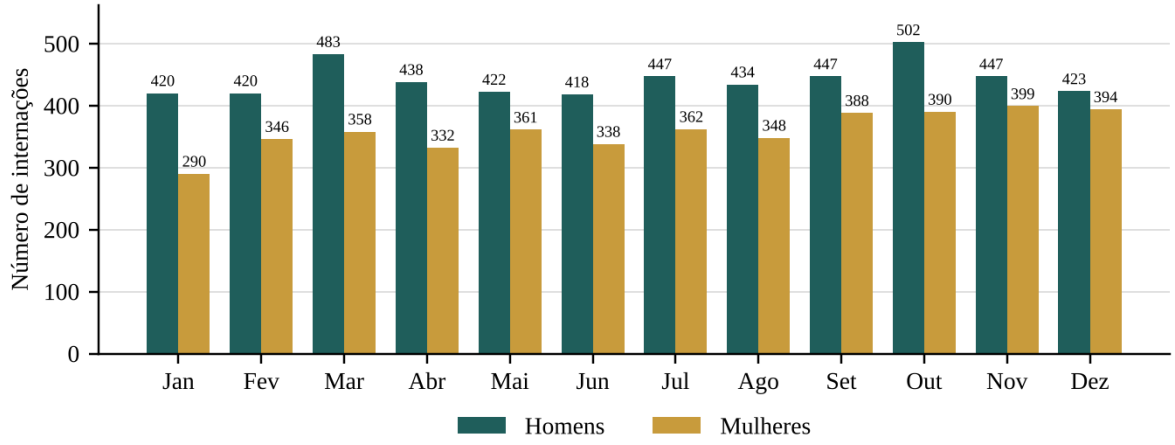
Figura 6 – Internações por transtornos mentais e comportamentais de pessoas de 40 a 59 anos, segundo sexo e mês, Minas Gerais, 2024



Fonte: elaborada pelos autores com dados do SIH/SUS (Brasil, 2026).

Em 2024, o número de internações voltou a crescer (8.842, aumento de 7,3% em relação a 2023). Entre os homens, o mês com mais registros foi janeiro (448) e, entre as mulheres, abril (360) (Figura 6). Os sinais dos transtornos mentais comuns podem representar a tentativa do sujeito de expressar sofrimentos decorrentes das circunstâncias da vida, que não são compreendidos integralmente pela abordagem biomédica. Estudos indicam relação entre fatores econômicos e sociodemográficos e a saúde mental: renda baixa, sexo feminino, desemprego, baixo apoio social, baixos níveis socioeconômico e de escolaridade, dificuldades financeiras e preconceito estão associados a piores desfechos em saúde mental (Barbosa; Rabelo, 2025).

Figura 7 – Internações por transtornos mentais e comportamentais de pessoas de 40 a 59 anos, segundo sexo e mês, Minas Gerais, 2025



Fonte: elaborada pelos autores com dados do SIH/SUS (Brasil, 2026).

Em 2025, registrou-se o maior número de internações do período (9.607). O mês com mais internações masculinas foi outubro (502) e, entre as mulheres, novembro (399) (Figura 7). Diante dessa realidade, é indispensável que novos casos sejam identificados precocemente e acompanhados, de modo a garantir a eficácia das abordagens nos serviços de saúde. Ainda há muitos desafios para que a rede de saúde mental atenda satisfatoriamente às necessidades do território e às demandas específicas dessa população (Macedo et al., 2026).

Este estudo apresenta limitações. Foram analisados números absolutos de internações, e não taxas por habitante; por isso, parte do aumento observado pode refletir o crescimento e o envelhecimento da população. Além disso, o SIH/SUS registra internações, e não indivíduos, de modo que uma mesma pessoa pode ter sido internada mais de uma vez, e não abrange os serviços privados não vinculados ao SUS. A análise também não discriminou os diagnósticos específicos do capítulo V da CID-10.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo analisou as internações por transtornos mentais e comportamentais de homens e mulheres de 40 a 59 anos em Minas Gerais entre 2020 e 2025. Os resultados mostraram aumento expressivo das internações no período, com predomínio masculino em todos os anos, mas crescimento proporcionalmente maior entre as mulheres, o que reduziu a diferença entre os sexos.

A literatura discutida indica que as mudanças físicas, hormonais, sociais e psíquicas próprias da meia-idade, como a menopausa, a andropausa, as pressões estéticas e a redefinição de papéis sociais, contribuem para o aumento do sofrimento mental. Entre os homens, o preconceito em relação ao cuidado com a própria saúde tende a retardar a busca por ajuda, o que pode favorecer o agravamento dos quadros e a necessidade de internação.

Diante disso, é indispensável olhar para a saúde mental nessa fase da vida, com profissionais capacitados para atender a essa demanda por meio de uma abordagem integral, personalizada e sensível às questões de gênero. Recomenda-se que estudos futuros calculem taxas de internação por habitante, analisem os diagnósticos específicos e incluam outras faixas etárias e regiões, de modo a aprofundar a compreensão do tema.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, N. G. A. et al. Impacto da menopausa na saúde mental e física: uma abordagem multidisciplinar. **Brazilian Journal of Implantology and Health Sciences**, v. 6, n. 8, p. 3042-3057, 2024. DOI: 10.36557/2674-8169.2024v6n8p3042-3057.

ANTUNES, D. C. R. et al. Corporeidade e envelhecimento feminino: um estudo de revisão sistemática da literatura dos anos 2018 a 2022. **Revista DCS**, v. 22, n. 81, e3266, 2025. DOI: 10.54899/dcs.v22i81.3266.

BARBOSA, M. L. A.; RABELO, D. F. Transtornos mentais comuns, circunstâncias socioeconômicas e de saúde na meia-idade de mulheres. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 25, 2025. DOI: 10.12957/epp.2025.72645.

BARBOSA, R. V. M. et al. Desafios do envelhecimento populacional para o sistema de saúde. **Brazilian Journal of Implantology and Health Sciences**, v. 7, n. 8, p. 377-388, 2025. DOI: 10.36557/2674-8169.2025v7n8p377-388.

BARREIRA, C. R.; NAKAMURA FILHO, H. M. C.; SILVA JÚNIOR, V. B. Envelhecimento e suicídio: uma revisão de literatura. In: CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UNIVERSIDADE DE RIO VERDE, 2022, Rio Verde. **Anais** [...]. Rio Verde: UniRV, 2022. Disponível em: http://revistas2.unirv.edu.br/cicurv/article/view/173. Acesso em: 15 maio 2026.

BORGES, F. B. C. et al. Saúde mental e qualidade de vida: desafios e estratégias para um envelhecimento ativo e saudável. **Saúde & Conhecimento – Jornal de Medicina Univag**, v. 13, 2025. Disponível em: https://www.periodicos.univag.com.br/index.php/jornaldemedicina/article/view/2880. Acesso em: 13 mar. 2026.

BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução nº 510, de 7 de abril de 2016**. Brasília, DF: Conselho Nacional de Saúde, 2016. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2016/res0510_07_04_2016.html. Acesso em: 25 nov. 2026.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Saúde mental**. Brasília, DF: Ministério da Saúde, [20--]. Disponível em: https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z/s/saude-mental. Acesso em: 25 mar. 2026.

BRASIL. Ministério da Saúde. Departamento de Informação e Informática do SUS. **Morbidade hospitalar do SUS (SIH/SUS)**: Minas Gerais. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2026. Disponível em: https://datasus.saude.gov.br/informacoes-de-saude-tabnet/.

CORRÊA, L. S. Envelhecimento feminino e etarismo nas organizações: o desafio da mulher madura no mundo do trabalho. **Organicom**, São Paulo, v. 20, n. 41, p. 120-134, 2023. DOI: 10.11606/issn.2238-2593.organicom.2023.206721.

CUNHA, L. C.; VERAS, P. R. M.; AMORIM, M. V. C. O sofrimento psíquico feminino no processo de trabalho e do envelhecimento. **Lumen et Virtus**, v. 16, n. 44, p. 2-17, 2025. DOI: 10.56238/levv16n44-001.

GEROLAMO, J. C.; CORREA, M. R. Tempo que marca, gênero que silencia: desafios à saúde mental das mulheres no processo de envelhecimento. In: **Gênero e saúde**: articulações na psicologia. [S. l.: s. n.], [20--]. p. 137.

MACEDO, T. T. S. et al. Hospitalização dos adultos por transtornos mentais e comportamentais no Brasil nos últimos 10 anos. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, v. 12, n. 5, p. 1-20, 2026.

MAURÍCIO, A. M. R. **A influência dos padrões estéticos contemporâneos de beleza na saúde mental da pessoa idosa**. 2023. 20 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) – Centro Universitário Doutor Leão Sampaio, Juazeiro do Norte, 2023. Disponível em: https://sis.unileao.edu.br/uploads/3/PSICOLOGIA/P1622.pdf. Acesso em: 11 mar. 2026.

MINDELO, É. C. S. et al. Saúde mental e bem-estar feminino: desafios e estratégias. **Estação Científica**, v. 19, n. 33, p. 123-136, 2025. Disponível em: https://estacio.periodicoscientificos.com.br/index.php/estacaocientifica/article/view/3692. Acesso em: 11 mar. 2026.

MONTE, F. T. P. et al. Entre paredes: impactos da pandemia da covid-19 na saúde mental da população. **ID on line Revista de Psicologia**, v. 17, n. 65, p. 104-118, 2023. DOI: 10.14295/idonline.v17i65.3579.

PAPINI, M. N. et al. O impacto da pandemia de covid-19 nas internações por transtornos mentais e comportamentais no Brasil: uma análise epidemiológica (2018-2024). In: TUDO É CIÊNCIA: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS E SABERES MULTIDISCIPLINARES, 2025. **Anais** [...]. 2025.

PEREIRA, A. M. et al. Consequências da andropausa na saúde do homem: uma revisão integrativa. **Revista OMNIA Saúde**, v. 6, n. esp., p. 135-140, 2023. Disponível em: https://omnia.fai.com.br/omniasaude/article/view/750. Acesso em: 25 mar. 2026.

PIAZZETTA, G. A. M.; SILVA, D. Impactos psicológicos da andropausa no homem de meia-idade com o olhar da psicologia sistêmica. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, v. 10, n. 6, p. 1833-1852, 2024. DOI: 10.51891/rease.v10i6.14556.

RAMALHO, J. C. O. et al. Caracterização das internações psiquiátricas no estado do Acre entre 2014 e 2024. **Scientia Generalis**, Patos de Minas, v. 6, n. 1, p. 189-197, 2025. DOI: 10.22289/sg.V6N1A18.

RIBAS, L. A. O impacto da crise de meia-idade: uma revisão sistemática. **TCCs Psicologia**, 2024. Disponível em: https://repositorio.camporeal.edu.br/index.php/psico/article/view/431. Acesso em: 11 mar. 2026.

SILVA, A.; SOUZA, L. E. C.; CARVALHO, J. S. L. Fatores associados à percepção da discriminação etária em pessoas da meia-idade e idosas: revisão narrativa. **Kairós-Gerontologia**, v. 27, n. 1, 2024. DOI: 10.61583/kairs.v27i1.18.

SILVA, J. F. et al. Entre saúde e sofrimento: a realidade das internações por transtornos mentais e do comportamento no Sul do Brasil. **Research, Society and Development**, v. 13, n. 9, e6113946807, 2024.

WALGER, C. S.; SANTOS, A.; GULIN, L. Saúde mental masculina: um estudo sobre a procura por auxílio profissional. **Revista PsicoFAE**: Pluralidades em Saúde Mental, Curitiba, v. 11, n. 2, p. 52-67, 2023. Disponível em: https://www.revistapsicofae.fae.edu/psico/article/view/397. Acesso em: 27 mar. 2026.